

PERCORRENDO COM EMIL FARHAT
A SAGA DOS IMIGRANTES

Henrique Novak

A imagem mais remota que os antigos guardam do “turco” é aquele mascate que saía pelos caminhos poeirentos do interior carregando suas malas repletas de fitas, cadarços, linhas, sedas, passamanarias, soutaches, botões, agulhas e alfinetes, sabonetes finos, talcos, perfumes e muitas novidades que vinham de outras terras que enfeitiçavam as senhoras e senhorinhas.

Esse incansável trabalhador, que não tinha dia nem hora para aparecer, com seu esforço e pertinácia, na maioria das vezes conseguia amealhar algum dinheiro, com o qual procurava imediatamente se estabelecer. Daí para a frente, de “turco mascate” acabava virando o “turco da prestação”. Confiando nos seus fregueses, negociantes habilidosos, herdeiros dos fenícios na arte de mercadejar, estes valentes negociantes não raro prosperaram e adquiriram alto conceito e respeitabilidade na aristocracia endinheirada do país.

Emil Farhat, escritor de largos recursos e de méritos já reconhecidos em outros livros, neste seu **Dinheiro na Estrada** (São Paulo, T. A. Queiroz) desce fundo no problema da aculturação do imigrante libanês no País e sem querer fazer história, na realidade traça um perfil emocional da atuação deste povo no processo do desenvolvimento brasileiro. A participação dos libaneses na guerra do Acre, comandada por Plácido de Castro contra os bolivianos, mostra em lances épicos como estes homens, que vieram de outras terras em busca de fortuna, acabaram se envolvendo num conflito sangrento e incorporando o ideário patriótico brasileiro entre suas convicções mais profundas.

E mais, terminada a guerra, muitos deles se alistaram numa outra guerra, talvez ainda mais impiedosa e cruel: a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, da qual poucos saíram com vida para contar essa odisséia sem precedentes na história dos transportes, no mundo.

Emil Farhat em **Dinheiro na Estrada**, considerado sua mais importante obra de ficção, utiliza-se de uma original técnica redacional, qual seja, o livro constitui-se numa seqüência de cartas por uma mãe saudosa que fica no Líbano, aos seus seis filhos que se espalharam pelo Brasil,

em busca do dinheiro farto, tão farto e abundante que podia ser encontrado na estrada. Daí o título. São cartas apenas de ida. A volta, a resposta, essa é conhecida através da própria narrativa da carta materna, sempre vibrante, às vezes triste, dramática, outras vezes alegre, repleta de humor. As esperanças, os sonhos, as alegrias e as decepções vão se acumulando, se sobrepondo, como camadas ou anéis de uma árvore, marcando e vincando fundo a passagem do tempo. E nessa profunda marcação de passagem do tempo, sentido e vivido, está a nosso ver um dos mais significativos méritos desse livro invulgar. No livro de Farhat está presente toda a saga do imigrante libanês, corte fundo e vertical nesse enraizamento que foi a assimilação da crueza da realidade brasileira, sua quase barbárie, pelo sonhador que vivia debruçado sobre o Mediterrâneo. O livro carrega uma tremenda carga dramática. Se ele trata de coisas engraçadas é porque as coisas engraçadas também existem. Mas as cicatrizes mais fundas são deixadas pelo cotidiano sofrido, conquistado palmo a palmo, a luta diária alimentada pelo fogo sagrado do sonho de vencer.

Emil Farhat é mineiro de Bicas. Nascido mineiro, no entanto movimentou-se sempre entre Minas, Rio e São Paulo em suas andanças profissionais. Seu livro mais conhecido é o romance **Cangerão**, já em três edições e laureado com os prêmios literários Lima Barreto e João Cordeiro. Publicou, ainda, os romances **Os homens sós** e **Contrato com as almas**. No entanto, seus livros que provocaram mais polêmica foram os ensaios, **O País dos Coitadinhos** (já em quarta edição), **Educação, a nova Ideologia** (três edições) e **O paraíso do vira-bosta**, com duas edições em apenas dois meses. Farhat, na vida pública caracterizou-se como um lutador contra o fascismo e contra a ditadura e dessa linha não tem arredado pé. Conhecido e respeitado nos meios intelectuais do País, foi sempre um batalhador incansável que jamais deixou de acreditar nas potencialidades brasileiras e de apontar os caminhos para consertar o que está errado.

O novo livro que Emil Farhat acaba de publicar deve ser recomendado com ênfase. Livro para ler, ler com carinho, e meditar, meditar por muito tempo. Livro que fica, que deixa seu sinete na história. Por falar em história, para terminar, nada melhor que as próprias palavras de Farhat na abertura do seu romance, que servem como advertência mas refletem também a concepção criativa do autor aplicada à literatura: "O romancista não tem obrigações cartoriais com a História, nem com a trivialidade do cotidiano, apesar de valer-se, necessariamente, de ambos. O limite da imaginação dá-lhe o direito de rearrumar o mundo e as gentes a seu modo".